

A ARTE DE DELIRAR

José Gameiro

O TÓ ZÉ dizia-me sou o tipo mais importante do Mundo. A ONU vai mandar-me uma mulher muito bonita para casar comigo. A sua convicção era tanta que passava os dias no Aeroporto à espera do avião que o delírio haveria um dia de fazer pousar em Lisboa. Nunca percebi completamente a forma como esta ideia bizarra tinha nascido na imaginação do Tó Zé, mas nunca tive dúvidas que vivia feliz com ela.

Num dos nossos encontros decidi tomar o seu papel de delirante. Inesperadamente comecei a brincar com cigarros queimados, a pouco e pouco a sujar-me com eles até sentir um prazer intenso misturado com angústia e dificuldade de parar e voltar a ser real. Durante os breves minutos em que “delirei” o Tó Zé entrou na realidade e começou a ficar preocupado comigo dizendo-me que me podia ajudar.

Carl Whitaker, um dos mais brilhantes profissionais do delírio que conheço, ensina aos seus doentes que o importante não é tanto aquilo que se delira, mas o local onde as ideias “diferentes” podem ser comunicadas. Na nossa cultura os locais onde o delírio é permitido são escassos, mas existem e podem ser aumentados no dia a dia. Os delírios podem mesmo ser considerados criativos e até condecorados se são aceites pelo Poder; poder-se-ia criar uma nova nosologia psiquiátrica em que os delírios seriam divididos em *culturais* e *asilares* consoante o destino dado aos seus autores fosse qualquer galeria de arte, revista cultural ou o hospital psiquiátrico.

A Maria, companheira de viagem interior, delira “por dá cá aquela palha”, mas tem aprendido a melhor forma de lidar com o delírio. Há uns anos fazia-se internar, agora recolhe uns dias a casa dos pais (que aceitam as suas ideias) e quando passa a tormenta volta para casa e recomeça a vida.

A capacidade inata de delirar está dentro de nós desde que nascemos. Todos os dias à noite temos os delírios mais estranhos que desaparecem com o nascer do dia para voltarem no dia seguinte. Este delírio íntimo de cada um de nós, que nos acompanha ao longo da vida, não entra habitualmente nos mercados dos delírios talvez com a excepção dos grandes artistas capazes de ultrapassar a fase em que são considerados loucos e entrar no mercado das ideias delirantes com grande pompa em que as justificações teóricas surgem depois, numa tentativa desesperada de explicar para normais aquilo que eles próprios nunca tiveram coragem de viver.

Delirar é então uma arte a que todos temos acesso, mas que só os eleitos podem “comercializar”.



Lisboa, Março de 1982